

GÊNERO E LITERATURA: REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO FEMININO NA CONTÍSTICA DRUMMONDIANA

Licilange Gomes Alvesⁱ
Roniê Rodrigues da Silvaⁱ

Resumo

Este trabalho analisa como a loucura é representada no conto drummondiano *A doida*. Estudo bibliográfico que tem as seguintes etapas: levantamento e apropriação de leituras sobre a temática, identificação de lacunas nesse campo, recorte do instrumento investigativo e constatação do objetivo pretendido. Pesquisa relevante por configurar-se como possibilidade de enfoque sobre a arte literária e por dar representatividade ao sujeito louco, especialmente à loucura manifestada no sujeito feminino, historicamente marginalizado, daí o estudo ratificar a imagem de exclusão nele impregnada. Diversas opiniões pejorativas são concebidas a respeito do louco e essa marginalização se acentua quanto a pessoa acometida é do sexo feminino. O louco, por si só, já padece em meio à exclusão social; quando é mulher, que também atua na posição de subalterna, este sujeito perece duplamente. Logo, é preciso que estudos, nessa perspectiva, sejam cada vez mais fomentados para que grupos minoritários tenham representatividade e saiam do silenciamento no qual foram colocados. Tais estudos assumem, assim, um caráter de denúncia por descortinar mazelas que foram, por muito tempo, conforme mostra o histórico estudo de pesquisadores que serão discutidos ao longo do trabalho e revelam que a loucura nem sempre foi vista como patologia, ocultadas. A análise realizada mostra que a loucura foi se tornando um rótulo próprio da condição feminina, o que é percebido em boa parte da literatura ocidental. Concluiu-se que o louco configura-se enquanto indivíduo preso a relações de poder e a estigmas, sendo, portanto, um meio de revelação da crueldade humana, notada no trato das personagens do enredo com a protagonista, cuja alcunha dá nome ao conto.

Palavras-Chave: Loucura; Literatura; *A doida*; Carlos Drummond de Andrade.

GENDER AND LITERATURE: REPRESENTATIONS OF THE FEMININE SUBJECT IN DRUMMONDIAN TALES

Abstract

This study analyzes how madness is represented in the Drummondian tale *A doida* (*The mad*). It is a bibliographic study comprising the following steps: a survey and readings on the subject, identification of gaps in the field, a cutout of the investigative instrument and verification of the intended objective. This is a relevant research, as it is configured as a possibility to focus on literary art and to give representativeness to the mad subject, especially the madness manifested in the female subject, who is historically marginalized, ratifying the exclusion image impregnated in said subject. Several pejorative opinions are conceived about madness, and this marginalization is accentuated when the person is female. The mad person, by him/herself, already suffers in the midst of social exclusion; when this person is a woman who also acts in a subaltern position, she suffers in double. Therefore, studies applying this perspective should be increasingly encouraged so that minority groups become representative and emerge from the silencing in which they were placed. Thus, such studies assume a denunciation character with regard to uncovering problems that have existed for a long time, as demonstrated by the historical research discussed throughout the study

ⁱ Discente egressa do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL (Curso de Mestrado) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. licilangealves@hotmail.com

ⁱ Professor Doutor pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. rodrigopinon2014@gmail.com

and reveals that madness was not always seen as a pathology and, thus, hidden. The analysis reveals that madness became a label of the feminine condition, as perceived in much of western literature. The study concludes that the mad person is configured as an individual as attached to power relations and stigmas, and is, therefore, a means of revealing human cruelty, noted in the protagonist treatment by the plot characters, whose nickname names the story.

Keywords: Madness; Literature; *A Doida*; Carlos Drummond de Andrade.

1 – Introdução

O louco é sempre visto na perspectiva da alteridade, uma vez que somente ao outro cabe falar por ele, já que não dispõe de racionalidade para responder por si. Desse modo, representar o louco é significar também várias outras minorias que, igualmente a ele, sucumbem aos caprichos de parcelas opressoras.

Nesse contexto, variados são os discursos erigidos, tanto do lado opressor, quanto do lado oprimido, os quais têm em comum o uso da linguagem social e historicamente construída com base nas relações de poder. Logo, as questões acerca da linguagem pressupõem poder e estabelecem posições de desigualdade. Daí porque, sendo a literatura um fenômeno linguístico eminentemente social, considerarmos esta arte espaço propício para se levantar questões em torno dos diferentes discursos que circulam em sociedade, particularmente os das minorias, entre elas, o sujeito louco.

Trazer o sujeito louco para o âmbito das discussões acadêmicas, especialmente da arte literária, corresponde a uma tentativa de dar representatividade a essa voz silenciada, conforme mostra o diacrônico percurso de estigmatização trilhado pela loucura. É, portanto, uma forma de resistência, tão necessária contra as forças dos sistemas hegemônicos.

Este estudo analisa o modo como a loucura é revelada por Carlos Drummond de Andrade no conto *A doida*. Três aspectos constituem sua relevância: contribuir para a ampliação de outras percepções acerca da loucura na literatura brasileira, apresentar novas possibilidades de abordagem da produção de Drummond e motivar reflexões acerca do sujeito louco, uma vez que pensar seu discurso possibilita a compreensão do processo de evolução da cultura ocidental, sobretudo.

2 – Loucura e Literatura

A loucura tem sido um tema bastante discutido na literatura ocidental, trazendo à baila a comprovação de que razão e desrazão podem ocupar o mesmo espaço, já que o louco dispõe de um amplo arcabouço de fantasias criadas por sua imaginação, construindo assim uma espécie de pararealidade. Semelhante ao louco é o ficcionista, que também cria mundos paralelos dotados de verossimilhanças. Observemos:

Mas neste mundo cada vez mais racionalizado, a loucura pode estar assumindo, assim como a palavra literária, o papel de um elemento de denúncia de uma ordem social, política e econômica construída pelo e para o homem, mas que não corresponde a seus anseios e necessidades, afastando-o cada vez mais do convívio com sua natureza interior (BARRAL, 2001, p. 24).

Ambas, loucura e literatura, operam no imaginário, porém, embora tratando de situações fictícias, esta última exerce a função de suscitar críticas que contestam a realidade explicitando seu caráter de denúncia. A loucura, mesmo ambientada na instância da pararealidade, pode, também, servir de motivação para evidenciar o contexto social, ainda que este não atenda as reais necessidades do sujeito que o constrói. Desse modo, a loucura é vista pela autora como uma espécie de redenção, conferindo ao homem a possibilidade de transgredir a ordem para vivenciar seus desejos.

Essas reflexões convergem com o conceito de Corpo sem Órgãos, ou CsO, de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1996). Trata-se de um conjunto de práticas cujo intuito é desprender-se da repressão em busca da liberdade de apreciar a existência sem utilidade prática. Os órgãos fazem com que o corpo tenha utilidade dentro da sociedade por transformá-lo em um organismo, destinando-o a objetivos diversos. Através do organismo, o sujeito se torna sem liberdade e fraco.

O organismo, desse modo, é inimigo do corpo porque vive em função de interesses capitalistas, daí estes dois filósofos sugerirem a criação de um corpo sem órgãos, fazendo com que o corpo se torne improdutivo e deixe de ter finalidades. Foucault (1979, p. 121) também discute sobre a loucura nessa perspectiva da subversão ao afirmar que no século XIX ela passou a ser percebida como “desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre”. Esse desordenamento, no viés deleuze-guatarriano, seria o desprendimento do CsO da organização com fins produtivos à qual o órgão foi submetido e, por isso, transgredir as regras socialmente impostas.

3 – (Des)caminhos da loucura

A loucura nem sempre foi vista como patologia, sendo necessário compreender seu percurso explicitado por alguns estudiosos para se descobrir suas várias nuances em cada época. Embora historicizar a loucura não constitua nosso objetivo, faremos, ao longo do texto, recorrências a dados da história para clarificar a noção sobre o ser louco dentro do *corpus* de análise.

Para realizar essa breve trajetória pelos (des)caminhosⁱ da loucura, usaremos,

ⁱ Aqui empregamos o termo “descaminhos” fazendo alusão à loucura, cujo processo de constituição, ao longo dos tempos – Idade Média, Renascença, Idade Clássica e Moderna – percorreu caminhos tortuosos no sentido de ter adquirido variadas nuances do ponto de vista alheio: ora o louco era um sujo pecador que devia ser excluído e pagar por seus pecados, ora era visto como detentor de saber e tido como alguém do bem. Seja como for, o louco é um sujeito historicamente manipulado que, em vez de ter sido encaminhado à cura, foi desencaminhado, daí porque “descaminhos” e conduzido ao aprisionamento de sua própria patologia.

especialmente, *História da loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault, que detém-se, especialmente, no final do século XVI ao XVII, transição da Renascença para a Idade Clássica. A experiência da loucura, no Renascimento, é expressa de vários modos, dentre eles, através das artes plásticas, como o quadro *A nau dos loucos*, ou *Stultifera Navis*, do pintor holandês Hieronymus Bosch. Essa nau retrata os barcos que transportavam loucos de um lugar para outro, cuja finalidade, deduz-se, seria ‘limpar’ as cidades da presença dos insanos.

A barca tem uma conotação de denúncia social, simbolizando “uma inquietude, soerguida subitamente no horizonte da cultura europeia, por volta do fim da Idade Média” (FOUCAULT, 1972, p. 18). Através das representações dos sujeitos loucos pintados no quadro, Bosch critica a Igreja e a sociedade. A loucura torna-se uma forma de análise das posturas morais e, assim, a visão acerca do louco muda: ele deixa de ser ridicularizado e passa a ser transmissor/detentor de verdades.

No século XVII, com o advento da razão, o louco tornou-se mais excluído do convívio social, daí haver a criação de casas de internamento na Europa dessa época. Os loucos eram internados a fim de serem corrigidos, mas pouco depois, eles passaram a ser úteis para o trabalho, medida cuja finalidade era conseguir mão-de-obra barata, não sendo à toa “que as primeiras casas de internamento surgem na Inglaterra nas regiões mais industrializadas do país” (FOUCAULT, 1972, p. 77).

Posteriormente, o internamento foi relacionado à sexualidade como forma de organização da família burguesa, isso porque as condutas libertinas resultaram no aumento das doenças venéreas, logo, o sexo fora dos moldes familiares era punido. O castigo dos libertinos configurava-se como forma de remissão com a sociedade. Sob esse viés, a loucura tornou-se vista como forma de redenção do homem, pois Deus permitiu a sua ocorrência para mostrar que, sendo ela a forma mais baixa da condição humana, o homem pode ser salvo pelo divino. Ela passa agora a ser objeto de respeito e de compaixão.

Ao se dividir razão e desrazão, no século XVII, a loucura foi revelada, surgindo como objeto de saber. Após sua descoberta, buscou-se não a cura, mas o disciplinamento do louco. Já no século XIX, com o advento das ciências, houve um empenho em encontrar critérios que distinguissem a loucura. Segundo Garcia-Roza (2009), em 1885, Sigmund Freud e o neurologista Jean-Martin Charcot chegaram a duas conclusões: I – a histeria era uma doença funcional com sintomas definidos; II – a histeria era passível de atingir tanto o homem quanto a mulher, desconstruindo a ideia de que somente as mulheres eram acometidas dessa patologia.

Os pesquisadores deduziram ainda que o histérico deveria ter como espaço o hospital e não o asilo. O hospital, no século XVIII, passou a ser espaço ideal para a produção da histeria, uma vez que no entendimento médico, para que a terapêutica alcançasse a cura, era preciso propiciar meios

para a doença se desenvolver. O hospital seria então um mecanismo de controle e as mãos dos médicos foram designadas por Pasteur “como portadoras do mal” (FOUCAULT, 1979, p. 120) porque através delas eles fabricavam a doença, sendo vistos como ‘proprietários’ da loucura e, conseqüentemente, dos loucos.

4 – Figurações do sujeito louco em *A doida*

O conto *A doida*, do livro *Contos de Aprendiz*, publicado em 1951, por Carlos Drummond de Andrade, coloca em cena estigmatizadas percepções da sociedade sobre o louco. O enredo trata de uma mulher, tida como louca, chamada simplesmente de ‘Doida’, que vive isolada em uma casa abandonada e é constantemente apedrejada pelos meninos da rua.

As primeiras linhas do conto tratam do abandono descrito no ambiente onde vive a personagem: o jardim em volta da casa era maltratado e a rua “cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?” (ANDRADE, 2012, p. 29). Em vez de ornamentar a casa, o jardim contribui para deixá-la estranha e desleixada. Curiosamente, ele é tão maltratado quanto a aparência da mulher: “Só o busto, recortado, numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrehados” (ANDRADE, 2012, p. 29). É como se o jardim fosse uma forma poética de dizer algo sobre a identidade da moradora, entregue à falta de cuidados e à tristeza do abandono.

A loucura é vista atualmente, segundo Frayze-Pereira (1984), pela psiquiatria, como resultante de um distúrbio fisiológico. Ela pode significar, também, uma desordem na personalidade do sujeito, haja vista ser nela onde a doença reside e através dela o indivíduo é julgado. A personalidade torna-se o centro em torno do qual giram as problemáticas da doença, revelando uma loucura/não loucura. Cada sociedade tem sua maneira peculiar de encarar essa questão, mas, independente da forma como seja entendida, a loucura se configura como um desvio dos padrões.

Conforme Frayze-Pereira (1984, p. 33), “é patológico todo o comportamento que se afasta das normas reguladoras da capacidade universal do ser humano de utilizar os materiais que a cultura [...] põe à sua disposição” para vivenciar suas experiências. O sujeito que assume uma postura transgressora ao padrão é visto como louco. Assim, além do viés da exclusão, o louco também pode ser percebido sob a nuance da subversão. No caso da personagem, não há tendência a subverter, apenas um desvio do padrão: numa cultura em que o normal é viver em interação, há preocupação com aparência, mulheres submissas, eis que uma mulher não condiz com essas expectativas de “ser normal”, optando – ou talvez por falta de escolha – por viver sem um cônjuge, isolada e com uma imagem descuidada. Logo, tantas incoerências com aquele meio em que vive contribuem para causar uma estranheza em relação a ela.

Como tentativa de explicar o motivo pelo qual a mulher enlouqueceu, fala-se que ela teria sido rejeitada e espancada pelo marido na noite de núpcias. Já outros contam que o pai a expulsou de casa por ela ter tentado matá-lo envenenado. Estas justificativas vão ao encontro da defesa de Frayze-Pereira (1984), para o qual a loucura representaria uma perda de identidade pessoal, uma vez que fatores externos podem ter contribuído para o seu desencadeamento. Conforme explicações das personagens do conto, a insanidade da mulher teria sido provocada por uma destas duas figuras masculinas, o esposo ou o pai e, após sofrer rejeição, ela tornou-se reservada e enlouqueceu.

Sobre a figura do marido na vida da personagem, sabe-se que ao homem é atribuído o importante papel de tornar a mulher 'normal', pois, ao contrário, caso esta não disponha de uma presença masculina, pode ficar descontrolada, já que o homem é visto como necessidade e cura feminina, conforme a análise que Jean-Marie Catonné (2001) faz da sociedade em seu estudo sobre a sexualidade.

A loucura em personagens femininas na literatura é discutida por Liane Shneider (2000). A autora afirma que a loucura tornou-se, na cultura ocidental, um estereótipo arraigado ao feminino e, posteriormente, foi transposta para a literatura. Ela defende ainda que a identidade da mulher precisa ser construída com base nos preceitos masculinos para que ela seja considerada sã. A mulher saudável já é historicamente subalterna, e ao portar a loucura, sua marginalização se acentua, tornando-se inútil para a efetivação do patriarcado.

A personagem do conto é excluída por ser mulher e louca e ainda é considerada culpada por suas mazelas: "O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doirdice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta [...] e lascavam pedra." (ANDRADE, 2012, p. 30). Este trecho evidencia que os meninos viam a louca como uma errante que devia pagar por suas falhas e se julgavam responsáveis por corrigi-la através dos insultos que a faziam.

As imagens pejorativas formadas em torno do louco provocam indiferença e, ao mesmo tempo, incitam curiosidade. Os meninos da rua que atiravam pedra na mulher nutriam em si certa curiosidade em adentrar a casa dela, porém o medo se sobrepunha. Entretanto, um, à exceção, resolve vencer esse medo e entra na casa. A pesquisadora Gislene Barral (2001, p. 30) avança que o menino, "vencendo sua curiosidade, ainda maior que o medo, desvenda o mistério [...]. O que se revela por trás do estigma e do segredo da loucura é a solidão, o desamparo e a inocência e, em si próprio, o garoto descobre a razão e a solidariedade". O menino descobre que o que havia por detrás daquela mulher era alguém desamparado e incapaz de fazê-lo mal.

Após a descoberta, o menino resolve ajudar a mulher do modo mais fraternal que pode. Provavelmente, pela primeira vez, ela, à beira da morte, estivesse recebendo um gesto de carinho

que a vida toda lhe foi negado. Vendo que não dispõe de meios para remediar a mulher, o menino recusa-se a deixá-la sozinha e resolve acomodar-se ao lado da cama está para fazer-lhe companhia.

Ao contrário da crença de que a loucura tinha origem no mal – conforme o pensamento da Idade Clássica –, por isso o louco era pecador e devia ser punido, há aqui outra concepção, pois no caso deste conto, a louca é quem possibilita a redenção a outra pessoa, o menino, dando-o a oportunidade de reconhecer-se em sua humanidade.

Como resultados do estudo em questão, temos duas percepções mais significativas: na primeira, o modo como a loucura é revelada pelo narrador; na segunda, o papel que ela exerce na narrativa. Quanto à primeira, verificamos que o louco é abordado neste *corpus* como sendo relegado ao abandono e à solidão, mas ainda está presente aquela arcaica visão que associa a loucura ao pecado, daí porque ela ser tida como castigo para lavar a alma do sujeito dos erros que cometeu.

Quanto ao seu papel no conto, a loucura denuncia os modos rudes com os quais os loucos, por muito tempo, foram tratados. A crítica se faz na explicitação das mazelas humanas, tanto do lado da louca, entregue à própria miséria, quanto do lado dos que com ela vivem, dos quais são revelados os piores defeitos, embora ao final um sujeito se sobressaia, e este é, ironicamente, uma criança, de quem, a princípio, não se esperaria atitude alguma.

É curioso perceber que as mazelas advêm de pessoas ditas racionais, estas utilizando-se de certos argumentos, como a necessidade do sofrimento para que a louca possa pagar pelos pecados, sendo isso, na verdade, apenas uma desculpa para aliviar o remorso pelos maus-tratos causados à mulher. De certa forma, há uma espécie de denúncia social revelando o modo desumano como a sociedade encara a loucura, visão esta que, para Foucault (1972), data de longo tempo, mas ainda resiste na contemporaneidade.

De modo geral, podemos listar como questões mais recorrentes no presente estudo: a temática da solidão atrelada à loucura, a curiosidade por este tema, percebida nos personagens deste conto e também na opção de vários críticos por discorrer a respeito do assunto. A insistência notada nestes escritos acusa certa inquietude em desvendar os mistérios da mente humana. A loucura, por mais significativos que tenham sido os estudos de Michel Foucault, Freud, Charcot e vários outros que há muito tempo buscam conhecê-la, parece ser ainda dotada de profunda complexidade, cujo universo se recusa a ser revelado por inteiro.

Em sua forma de ser percebido, pelo menos por boa parte da arte literária, o louco é alguém vulnerável, desprotegido e marginalizado, mas cuja figura sempre se faz importante retratar por possibilitar críticas e reflexões acerca, não apenas de sua própria condição, mas também da conduta dos demais seres humanos, considerados são, porém em sua racionalidade ainda deixam muito a desejar.

5 – Considerações Finais

Tomando como norte pesquisas prévias realizadas na área, em sua maioria, os estudos tematizados pela loucura tratam do insano como alguém frágil e, portanto, alvo fácil das crueldades alheias, conforme Drummond mostra no conto *A doida*, representando as várias percepções pejorativas construídas em torno de uma mulher louca.

Um ponto convergente entre muitos pesquisadores desse tema diz respeito ao fato de o louco ser relegado à exclusão da sociedade, o que também é notado neste conto. Outro aspecto comum é que normalmente o louco é encenado como subversivo, porém este conto difere neste aspecto, pois aqui há uma mulher resignada que, no máximo, irrita-se com os que a desrespeitam.

A divisão feita entre razão e loucura propiciou a exclusão do louco, que se tornou subalterno controlado especialmente pelo médico. O discurso do insano não é institucionalizado, por isso não lhe é dada credibilidade, e sua imagem comumente é associada à animalização, eis porque, dentre outros motivos, o louco carrega o estigma de excluído.

A culpa parece ser algo arraigado ao louco: muitos personagens usam os maus tratos que fazem com a mulher como desculpa para penalizá-la por seus erros, semelhante ao que houve na Idade Clássica através do internamento. No conto, a loucura denuncia as atitudes da sociedade com os insanos, criticando muitas mazelas humanas.

Conforme o exposto, longe de pretender indiciar um esgotamento da temática, esperamos ter contribuído para as pesquisas nesse campo de estudo e, concomitantemente, suscitado o interesse por novas investigações, visando a potencialização da crítica literária brasileira tematizada pela loucura, haja vista ser uma das propostas mais pertinentes das instituições de ensino superior a ampliação das pesquisas nos mais diversos âmbitos.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A doida*. In: _____. **Contos de Aprendiz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BARRAL, Gislene. Vozes da loucura, ecos na literatura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 12. Brasília, março/abril de 2001, pp. 13-38.
- CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje**. (Trad.) Michèle Iris Koralek. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 3. (Trad.) Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRAYZE-PEREIRA, João A.. **O que é loucura**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

2009.

SHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. *In.*: PETERSON, Michael & NEIS, Ignacio Antonio. **As armas do texto**: a literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 199-139.